

**JUAN REINALDO SÁNCHEZ
E AXEL GYLDÉN**

**A VIDA SECRETA DE
FIDEL**

**AS REVELAÇÕES DE SEU
GUARDA-COSTAS PESSOAL**

Tradução
JULIA DA ROSA SIMÕES

B I B I B I B I

Copyright © Michel Lafon Publishing 2014, *La Vie cachée de Fidel Castro*

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL *La Vie cachée de Fidel Castro*

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

FOTO DE CAPA © Ernesto Mastrascusa/ dpa/ Corbis/ Latinstock

PREPARAÇÃO Sofia Luxemburgo

REVISÃO Huendel Viana e Jane Pessoa, Ana Maria Barbosa

CADERNO DE FOTOS Todos os direitos reservados © DR

Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sánchez, Juan Reinaldo

A vida secreta de Fidel : as revelações de seu guarda-costas pessoal / Juan Reinaldo Sánchez, Axel Gylgén ; tradução Julia da Rosa Simões. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2014.

Título original: *La Vie cachée de Fidel Castro*.

ISBN 978-85-65530-70-5

1. Castro, Fidel, 1926- 2. Cuba - Condições econômicas — 1959- 3. Cuba — Condições sociais — 1959- 4. Cuba — História - Revolução, 1959- 5. Cuba - Política e governo — 1959- 6. Revelações particulares I. Título.

14-05660

CDD-972.91064092

Índice para catálogo sistemático:

1. Castro, Fidel : Líder cubano : Biografia
972.91064092

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

Sumário

1. Cayo Piedra, a ilha paradisíaca dos Castro	9
2. Eu, Juan Sánchez, guarda-costas de Fidel	25
3. A dinastia Castro	45
4. A escolta, sua verdadeira família	66
5. Guerrilheiros do mundo, uni-vos!	88
6. Nicarágua, a outra revolução de Fidel	106
7. Fidel em Moscou, Sánchez em Estocolmo	119
8. O clã de Raúl	127
9. A mania das gravações	138
10. A obsessão venezuelana	153
11. Fidel e os tiranos de opereta	162
12. A fortuna do monarca	173
13. A um passo da morte	183
14. Fidel, Angola e a arte da guerra	193
15. “O caso Ochoa”	202
16. A prisão e... a liberdade!	216

1

Cayo Piedra, a ilha paradisíaca dos Castro

O iate de Fidel Castro singrava o mar do Caribe. Tínhamos desatracado havia dez minutos e os golfinhos brancos já nos alcançavam sobre as ondas azul-petróleo da costa meridional de Cuba. Um bando de nove ou dez mamíferos patrulhava a estibordo, bem perto do casco; outro grupo de cetáceos seguia o sulco da embarcação, trinta metros a bombordo traseiro. Pareciam a escolta motorizada de um chefe de Estado em visita oficial...

— Os substitutos chegaram; você pode ir descansar — eu disse a Gabriel Gallegos apontando para a miríade de nadadeiras dorsais que fendiam a superfície das águas a toda a velocidade.

Meu colega achou graça na brincadeira. Mas três minutos depois os imprevisíveis animais mudaram de direção e se afastaram, desaparecendo no horizonte.

— Mal chegaram e já se foram! Que falta de profissionalismo... — zombou Gabriel.

Em matéria de profissionalismo, éramos especialistas. Fazia treze anos que tínhamos entrado para a Segurança Pessoal do comandante. No ano de 1977. Ora, em Cuba, não havia nada mais sério, rigoroso ou importante que a proteção do chefe de Estado. A mínima saída de

Fidel ao mar, mesmo que para algumas horas de pescaria ou de caça submarina, mobilizava um dispositivo de defesa militar impressionante. Assim, o *Aquarama II* — nome do iate de Fidel Castro — era sistematicamente escoltado pela *Pionera I* e pela *Pionera II*, duas potentes lanchas de 55 pés (dezessete metros) quase idênticas, uma das quais completamente equipada para atender o comandante em caso de emergências médicas.

Dez membros da guarda pessoal de Fidel, o corpo de elite do qual eu fazia parte, se dividiam nas três embarcações — em terra, nos dividíamos em três carros. Todos os barcos estavam equipados com metralhadoras pesadas e tinham estoques de granadas, fuzis Kalashnikov AK-47 e munições, prontos para qualquer eventualidade. Era verdade que, desde o início da Revolução Cubana, Fidel Castro vivia sob a ameaça de atentados: a CIA admitiu ter cogitado centenas, com veneno, canetas ou charutos sabotados...

Nas proximidades, um pouco ao largo, um patrulheiro da guarda costeira também participava da operação: ele assegurava a vigilância por radar, marítima e aérea, do setor. A ordem: qualquer barco que se aproximasse a menos de três milhas náuticas do *Aquarama II* deveria ser interceptado. A aviação cubana também comparecia: na base aérea de Santa Clara, a uma centena de quilômetros, um piloto de caça vestindo uniforme de combate ficava em estado de alerta máximo, pronto para saltar em seu MiG-29 de fabricação soviética, decolar em menos de dois minutos e alcançar o *Aquarama II* a uma velocidade supersônica.

O dia estava bonito. Nada de surpreendente nisso: estávamos em pleno verão, no ano da graça de 1990, sob o 32º ano do reinado de Fidel Alejandro Castro Ruz, que estava com 63 anos. O muro de Berlim tinha sido derrubado no outono anterior. O presidente americano George Bush se preparava para lançar a operação “Tempestade no Deserto”: a invasão ao Iraque de Saddam Hussein. Fidel Castro, enquanto isso, navegava rumo a sua ilha particular e ultrassecreta, Cayo Piedra, a bordo do único barco de luxo da República de Cuba, o seu.

Era uma embarcação elegante com um casco branco de noventa pés (27,5 metros). Em operação desde o início dos anos 1970, tratava-se de uma réplica em escala maior do *Aquarama I*, um iate aristocrático confiscado de um simpatizante do regime de Fulgencio Batista — derubado, como se sabe, em 1º de janeiro de 1959 pela Revolução Cubana nascida dois anos e meio antes nas montanhas da Sierra Maestra com Fidel e mais sessenta “barbudos”. Além de duas cabines duplas, sendo a de Fidel equipada com banheiro privativo, o barco dispunha de leitos para mais doze pessoas. As seis poltronas do salão principal podiam ser reclinadas. Dois catres serviam a sala de comunicação por rádio. E a cabine reservada à tripulação, na proa, tinha mais quatro deles. Como qualquer iate digno do nome, o *Aquarama II* oferecia todo o conforto moderno: ar-condicionado, dois chuveiros, banheiro, televisão, bar.

Comparado aos brinquedinhos dos novos-ricos russos e sauditas que hoje cruzam as Antilhas ou o Mediterrâneo, o *Aquarama II*, apesar do lindo verniz e do toque vintage, poderia parecer ultrapassado. Mas nos anos 1970, 1980 e 1990, esse luxuoso barco inteiramente decorado com madeiras nobres importadas de Angola nada deixava a desejar àqueles que atracavam nas marinas das Bahamas ou de Saint-Tropez.

Por sua potência, na verdade, era muito superior. Seus quatro motores, oferecidos por Leonid Brejnev a Fidel Castro, eram de fato idênticos aos dos patrulheiros da Marinha soviética. Com força total, propulsionavam o *Aquarama II* à velocidade fenomenal de 42 nós, ou seja, 78 quilômetros por hora! Era imbatível.

Em Cuba, ninguém, ou quase ninguém, sabia da existência desse iate cujo porto de matrícula ficava numa enseada invisível e inacessível aos simples mortais, na costa oriental da famosa Baía dos Porcos, cerca de 150 quilômetros a sudeste de Havana. Desde os anos 1960 era ali, em plena zona militar, que se escondia a marina privada de Fidel. Área de vigilância máxima, o lugar, chamado La Caleta del Rosario, também abrigava uma de suas várias residências secundárias e, num prédio anexo, um pequeno museu pessoal dedicado aos troféus de pesca de Fidel.

Partindo dessa marina, eram necessários 45 minutos para chegar a Cayo Piedra, a ilha paradisíaca do comandante. Fiz essa travessia centenas de vezes. Em todas elas ficava impressionado com o azul do céu, a transparência da água e a beleza do fundo marinho. Os golfinhos vinham nos saudar quase todas as vezes, nadavam ao nosso lado e depois sumiam de repente, sem avisar.

Entre nós, a grande diversão era tentar ser o primeiro a avistá-los; alguém sempre acabava gritando: “*Aquí están!*”. Muitas vezes, também éramos seguidos, das costas cubanas até Cayo Piedra, por pelicanos. Eu gostava de acompanhar seu voo pesado e um pouco desajeitado. Para nós, membros da elite militar cubana, os 45 minutos de travessia eram um passatempo bem-vindo, pois a proteção de uma personalidade exigente como Fidel requeria nossa atenção constante e não possibilitava nenhum momento de descanso.

Durante toda a viagem, *el jefe* (o chefe), como o chamávamos entre nós, geralmente ficava no salão principal. Era comum instalar-se na grande poltrona presidencial de couro negro, na qual nenhum outro ser humano jamais se sentou. No ambiente sossegado dessa sala de estar, com um copo de uísque Chivas Regal *on the rocks* na mão (sua bebida preferida), ele mergulhava nos relatórios dos serviços de informação, repassava o clipping da imprensa internacional preparado por seu gabinete, analisava a seleção de notícias das agências France-Press, Associated Press e Reuters.

El jefe também aproveitava para discutir os negócios correntes com José Naranjo, fiel assistente apelidado *Pepín*, que acompanhou todos os instantes de sua vida profissional até morrer de câncer em 1995.* Dalia também estava presente, é claro. Mãe de cinco dos nove filhos de Fidel, Dalia Soto del Valle era a mulher com quem ele secretamente compartilhava a vida desde 1961... Mas cuja existência os cubanos só

* Sendo então substituído por Carlos Lage, que mais tarde se tornou vice-presidente do Conselho de Ministros e do Conselho de Estado, antes de ser destituído em 2009.

foram descobrir nos anos 2000! Por fim, havia o professor Eugenio Selman, médico pessoal de Fidel até 2010, que *el comandante* apreciava tanto pela competência quanto pela conversa política. A principal atribuição desse homem elegante, atencioso e unanimemente respeitado consistia, é claro, em velar pela saúde do chefe. Mas o médico pessoal de Fidel também cuidava de todos os que o cercavam.

Era raro haver um convidado — empresário ou chefe de Estado — a bordo. Mas isso podia acontecer. *El comandante* o convidava então a acompanhá-lo ao convés superior, de onde podiam admirar a vista das costas cubanas, em especial a da Baía dos Porcos, de onde acabáramos de zarpar. À medida que o *Aquarama II* se afastava, Fidel, narrador sem igual, discorria in loco sobre as horas trágicas da invasão à célebre baía. Do convés da popa, nós o víamos lançar-se a complexas explicações, fazendo gestos amplos e apontando para os diferentes locais da região pantanosa infestada de mosquitos. O professor prodigalizava ao aluno do momento uma aula de história com vista para o palco dos acontecimentos.

— Veja lá no fundo da baía, é Playa Larga! E ali, na entrada oriental da baía, é Playa Girón! Foi ali que exatamente à 1h15 do dia 17 de abril de 1961 o contingente de 1500 exilados cubanos dirigidos pela CIA desembarcou para tentar invadir a pátria, derrubar o governo e tomá-lo. Mas aqui ninguém se rende! E depois de três dias de uma heroica resistência popular, os invasores precisaram recuar para Playa Girón. E entregar as armas.

Planejada sob Dwight Eisenhower e lançada no início do mandato de John F. Kennedy, a operação de fato foi um fiasco completo: 1200 membros da força expedicionária aprisionados e 118 mortos. Do lado castrista, 176 mortos e várias centenas de feridos. Para Washington, a humilhação foi total. Pela primeira vez na história, o “imperialismo americano” sofreu uma derrota militar incisiva, enquanto, no cenário internacional, Fidel Castro se impunha como o indiscutível

líder do Terceiro Mundo. Aliado declarado da URSS, ele tratava com as grandes potências de igual para igual.

No convés superior, banhado pelo sol, o convidado de Fidel ouvia com atenção aquele incontestável protagonista da História com H maiúsculo. Fascinado, tinha a impressão de reviver a batalha. Sem sombra de dúvida, guardaria para o resto da vida a lembrança das horas passadas no iate de Fidel Castro. A seguir, os dois homens voltavam para o salão, onde se encontravam com Dalia e o professor Eugenio Selman. Logo o capitão do *Aquarama II* reduzia a velocidade e a cor da água se tornava esmeralda: nos aproximávamos de Cayo Piedra.

*

Por ironia do destino, indiretamente Fidel Castro devia a descoberta daquele local de descanso à invasão ianque lançada por JFK.

Nos dias de abril de 1961 que se seguiram ao desembarque fracassado na Baía dos Porcos, Fidel explorou a região, onde encontrou um pescador local que todos chamavam *el viejo* Finalé. Ele pediu ao “velho Finalé” que lhe mostrasse os arredores. O pescador, de rosto seco como pergaminho, imediatamente o levou, a bordo de seu barco de pesca, até Cayo Piedra, uma pequena “joia” situada a quinze quilômetros da costa, conhecida apenas pelos moradores da região. Na época, um faroleiro vivia sozinho na ilha, como um eremita, encarregado da manutenção do farol. Fidel logo se apaixonou por aquele lugar de beleza selvagem, digno de Robinson Crusóe. O faroleiro foi convidado a se retirar da ilha, o farol foi desativado e depois desmontado.

Em Cuba, a palavra *cayo* designa uma ilha plana e arenosa, quase sempre estreita e alongada. As costas cubanas têm milhares delas. Muitas são hoje frequentadas por turistas, praticantes de mergulho submarino. A de Fidel se estende por um quilômetro e meio, descrevendo um leve semicírculo de norte a sul. A leste, a costa rochosa dá diretamente para o mar e para as profundas águas azul-petróleo. A oeste, ao abrigo do vento, a costa se abre sobre a areia fina e o mar

azul-turquesa. É um lugar paradisíaco cercado de fundos marinhos espetaculares. Tudo está quase tão intacto quanto na época das grandes descobertas dos exploradores europeus. Quem sabe um dia alguns piratas não tenham parado ali para descansar ou para enterrar um de seus tesouros?

Para ser preciso, Cayo Piedra não designa uma ilha, mas duas: um dia, foi dividida pela passagem de um ciclone. Mas Fidel corrigiu o inconveniente: mandou construir uma ponte de 215 metros entre as duas metades de Cayo Piedra, recorrendo ao talento do arquiteto Osmany Cienfuegos, irmão do herói da revolução castrista Camilo Cienfuegos. A ilha Sul, ligeiramente maior que a outra, é a principal, onde o casal Castro construiu uma casa, no terreno do antigo farol. Era uma casa térrea, quadrangular, com um terraço a leste que se abria para o alto-mar.

Muito funcional, essa casa de cimento não tinha nenhum luxo ostentatório. Além do quarto do casal Fidel e Dalia, contava com um quarto para as crianças, uma cozinha e uma sala, que dava para um terraço de frente para o mar cujo mobiliário de madeira era simples; nas paredes, a maioria dos quadros, desenhos ou fotos representava cenas de pesca ou da vida submarina.

Das portas do terraço dessa unidade, à direita, via-se o heliporto. Um pouco adiante, a uma centena de metros, avistava-se a casa reservada a nós, os guarda-costas de Fidel. Na frente dela, elevava-se a construção que abrigava o resto do pessoal: cozinheiros, mecânicos, eletricitas, oficiais de rádio e uma dezena de soldados armados permanentemente acantonados em Cayo Piedra. Mais longe ainda ficavam o depósito de combustível, uma reserva de água doce (trazida de barco da terra firme) e uma minicentral elétrica.

A oeste, de frente para o poente, os Castro tinham mandado construir um pequeno cais de sessenta metros de comprimento. Ele ficava num nível mais baixo que o da casa, na pequena praia de areia fina que costeava o lado interior do *cayo* em forma de semicírculo. Para permitir a atracação do *Aquarama* e das lanchas *Pionera I e II*, Fidel

e Dalia também tinham mandado abrir um canal de um quilômetro de comprimento, sem o qual a pequena frota não poderia se aproximar da ilha, cercada por altos bancos de areia, pois seu calado de 2,5 metros era grande demais.

O atracadouro de sessenta metros constituía o epicentro da vida social em Cayo Piedra. Um píer flutuante de quinze metros fora-lhe acrescido, e sobre ele construíram um restaurante com bar e churrasqueira. Era ali que a família fazia a maioria das refeições... quando não eram servidas a bordo do iate. Desse bar-restaurante, era possível admirar o viveiro onde eram criadas, para a grande alegria de adultos e crianças, tartarugas marinhas (algumas chegavam a medir um metro e iam parar no prato de Fidel). Do outro lado do atracadouro, havia um golfinário que alegrava o cotidiano graças às brincadeiras e saltos dos dois golfinhos que ali viviam em cativeiro.

A outra ilha, ao norte, era praticamente deserta: além de uma rampa de lançamento de mísseis antiaéreos abrigava apenas a casa de hóspedes. Maior que a do dono do complexo todo, esta contava com quatro quartos e uma grande sala de estar. Uma linha telefônica comunicava a casa dos hóspedes à casa de Fidel, que ficavam a quinhentos metros de distância uma da outra. Para fazer esse trajeto, usávamos um dos dois Fuscas conversíveis de Cayo Piedra. Um Jeep, de fabricação soviética, era utilizado para o transporte de equipamentos e mercadorias.

A casa da ilha Norte dispunha de uma piscina de água doce ao ar livre, com 25 metros de comprimento, além de uma jacuzzi natural. Escavada na rocha, era abastecida de água do mar por uma espécie de aqueduto talhado na pedra por onde a água salgada penetrava a cada nova onda.

A vida inteira Fidel repetiu que não possuía nenhum patrimônio além de uma modesta “cabana de pescador” em algum ponto da costa. A cabana de pescador, portanto, se transformou numa estação balnear

de luxo que mobilizava uma logística considerável para sua segurança e manutenção. A ela devemos acrescentar mais duas dezenas de bens imobiliários, a começar por Punto Cero, sua imensa propriedade em Havana, perto do bairro das embaixadas; La Caleta del Rosario, que também abriga uma marina privada, na Baía dos Porcos; La Deseada, um chalé no coração da zona pantanosa da província de Pinar del Río, onde no inverno Fidel pratica a caça de patos e de aves aquáticas. Sem mencionar as outras propriedades, em todas as províncias administrativas de Cuba, reservadas a seu uso exclusivo.

Fidel Castro também insinuou, e às vezes afirmou, que a Revolução não lhe dava nenhuma trégua, nenhum descanso; que ele ignorava, ou até mesmo desprezava o conceito burguês de férias. Mentira. De 1977 a 1994, acompanhei-o centenas e centenas de vezes ao pequeno paraíso de Cayo Piedra. E participei de inúmeras pescarias e caçadas submarinas.

Na boa estação, de junho a setembro, Fidel e Dalia iam para Cayo Piedra todos os finais de semana. Na estação das chuvas, em contrapartida, Fidel privilegiava La Deseada. Em agosto, os Castro se instalavam por um mês em sua ilha dos sonhos. Quando um imperativo de trabalho ou a visita de uma personalidade estrangeira obrigava o “comandante da Revolução” a voltar a Havana, não havia problema: ele embarcava no helicóptero que ficava permanentemente estacionado em Cayo Piedra durante sua estada. E ele ia e voltava no mesmo dia, se preciso!

É espantoso que, antes de mim, ninguém jamais tenha revelado ou descrito Cayo Piedra. Com exceção das imagens de satélite do Google Earth (onde vemos perfeitamente a casa de Fidel e a de hóspedes, o canal e a ponte entre as duas ilhas), não existe nenhuma imagem desse paraíso para milionários. Alguns podem se perguntar por que eu mesmo não fotografei o lugar. A resposta é simples: um tenente-coronel da segurança encarregado de proteger uma autoridade importante não anda por aí com uma máquina fotográfica a tiracolo, mas sim com uma pistola automática na cintura! Além disso, a única

pessoa autorizada a imortalizar Cayo Piedra era o fotógrafo oficial de Fidel, Pablo Caballero. E ele, como seria de esperar, estava preocupado em imortalizar as atividades do comandante, e não a paisagem que o cercava. Por isso nunca foram divulgadas, que eu saiba, imagens de Cayo Piedra ou do *Aquarama II*.

*

Em Cuba, a vida privada do comandante é o segredo mais bem guardado da Revolução. Fidel Castro sempre se preocupou em ocultar as informações a respeito de sua família. De modo que muito pouco se sabe, há seis décadas, sobre a família Castro, que conta com sete irmãos e irmãs. Herança da época em que ele vivia na clandestinidade, a separação entre vida pública e vida privada chega a níveis inimagináveis.

Nenhum irmão de Castro jamais foi convidado a conhecer Cayo Piedra. É possível que Raúl, de quem Fidel é mais próximo, tenha visitado o local em sua ausência. Pessoalmente, porém, nunca o vi na ilha. Com exceção do círculo familiar mais íntimo, isto é, Dalia e os cinco filhos que ela teve com Fidel Castro, raros, raríssimos são aqueles que podem se orgulhar de ter visto a ilha misteriosa com os próprios olhos. Fidelito, o filho mais velho de Fidel, de um primeiro casamento, esteve lá menos de cinco vezes. E Alina, sua única filha, fruto de um relacionamento extraconjugal, que vive hoje em Miami, na Flórida, nunca pôs os pés na ilha...

De minha parte, exceto alguns empresários estrangeiros cujo nome esqueci e alguns ministros cubanos escolhidos a dedo, lembro-me de ter visto na ilha somente o presidente colombiano Alfonso López Michelsen (1974-8), que passou um fim de semana com a mulher Cécilia por volta de 1977-8; o empresário francês Gérard Bourgoïn, o chamado “rei do frango”, em visita por volta de 1990, época em que o CEO exportava sua experiência como produtor de aves para o mundo inteiro; o proprietário da CNN Ted Turner; a apre-

sentadora e superestrela da rede de televisão americana ABC Barbara Walters; e Erich Honecker, dirigente comunista da República Democrática Alemã (RDA) entre 1976 e 1989, um dos principais aliados de Cuba na época.

Nunca esquecerei a visita de 24 horas deste último a Cayo Piedra, em 1980. É preciso saber que oito anos antes, em 1972, Fidel Castro havia rebatizado a ilha Cayo Blanco del Sur de “Ilha Ernst Thälmann”. Ou melhor: num impulso de amizade simbólica entre “países irmãos”, ele havia oferecido à RDA aquele pedaço de terra desabitada, de quinze quilômetros de comprimento e quinhentos metros de largura, localizado a uma hora de navegação de sua ilha privada.

Quem foi Ernst Thälmann? Um célebre dirigente do Partido Comunista alemão sob a República de Weimar, posteriormente fuzilado pelos nazistas, em 1944. Em 1980, portanto, durante uma visita oficial de Honecker a Cuba, o representante de Berlim Oriental ofereceu um busto de Thälmann a Fidel. Seguindo a lógica, este decidiu colocar a obra de arte na ilha de mesmo nome. E foi assim que assisti à cena surreal em que dois chefes de Estado, a bordo do *Aquarama II*, desembarcaram no meio de lugar nenhum para inaugurar a estátua de um personagem esquecido numa ilha perdida, tendo como únicas testemunhas as iguanas e os pelicanos. A notícia mais recente a respeito conta que o imenso busto de Thälmann, de dois metros de altura, foi derrubado de seu pedestal pela passagem do furacão Mitch, em 1998...

Na verdade, os dois únicos frequentadores de Cayo Piedra externos à família foram Gabriel García Márquez e Antonio Núñez Jiménez. Como se sabe, o primeiro, que passou uma boa parte da vida em Cuba, foi sem dúvida o maior escritor colombiano, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1982. O segundo, morto em 1998, foi um personagem importante da Revolução Cubana, da qual participou como capitão e em lembrança da qual sempre manteve uma barba espessa. Figura intelectual respeitada, antropólogo e geógrafo, ele também pertencia ao restrito círculo dos verdadeiros amigos de Fidel. Os dois foram os principais usuários da casa de hóspedes de Cayo Piedra.

Em Cayo Piedra, o luxo não é calculado por metros quadrados de área útil, nem pelo número de iates atracados. O tesouro da ilha é seu espetacular fundo marinho. Totalmente afastadas do turismo e da pesca, as águas que se estendem à frente da ilha constituem um santuário ecológico incomparável. Fidel Castro dispõe, à entrada de sua casa, de um aquário pessoal com área superior a duzentos metros quadrados! Um campo de esportes submarinos ignorado pelos milhões de cubanos e pelos milhões de turistas que todo ano praticam mergulho ao redor dos *cayos* administrados pelo Ministério do Turismo.

Com exceção do famoso comandante francês Jacques-Yves Cousteau, em missão a bordo do *Calypso* e com autorização expressa de Fidel Castro, nenhuma outra pessoa jamais pôde apreciar a incrível riqueza animal e vegetal de que ele usufruiu. Peixe-lua, peixe-esquilo, peixe-gato, peixe-borboleta, peixe-cofre, peixe-flauta, peixe-trombeta, hamlet, cardeal, cirurgião-listrado, olho-de-cão, atum, pargo, lagosta: todas as variedades imagináveis de peixes amarelos, laranjas, azuis ou verdes nadam entre maciços de corais vermelhos ou brancos e algas verdes, pretas e vermelhas. Golfinhos, tubarões-tigre, tubarões-martelo, espadartes, barracudas e tartarugas completam o quadro de fadas desse mundo silencioso.

Fidel Castro era um excelente mergulhador. Posso avaliar isso muito bem, pois ao longo de todos os anos que passei a seu serviço, fui encarregado de auxiliá-lo embaixo d'água durante suas caçadas submarinas. Especialmente para protegê-lo de ataques de tubarões, barracudas e espadartes. Mais do que qualquer outra incumbência sob minha responsabilidade — como organizar sua agenda ou sua segurança durante viagens ao exterior —, tenho certeza de que essa função aquática foi a que mais despertou inveja. Para a escolta de Fidel, não existia privilégio maior que o de acompanhá-lo em seus passeios submarinos. E comigo eles foram numerosos! Pois por mais que ele

gostasse de basquete ou da caça de patos, o mergulho submarino era sua verdadeira paixão. Dotado de uma impressionante capacidade torácica, Fidel (1,91 metro, 95 quilos) era capaz de mergulhar em apneia a dez metros de profundidade sem a menor dificuldade.

Mas ele também tinha uma forma peculiar de praticar a caça submarina. A única maneira de descrevê-la seria compará-la às caçadas reais de Luís xv nas matas ao redor de Versailles. Antes do nascer do sol, enquanto o soberano ainda dormia, uma equipe de pescadores, guiada pelo “velho Finalé”, partia em missão de reconhecimento. Seu objetivo: identificar os locais ricos em peixes para antecipar as expectativas do monarca. Ao amanhecer, a equipe voltava a Cayo Piedra. Ali, aguardava o despertar do rei, que raramente dormia antes das três horas da manhã. Então, o “velho Finalé” se apresentava para o relatório diário.

— Então, o que temos para hoje? — perguntava Fidel antes de subir a bordo do *Aquarama II*.

— Comandante, hoje não faltarão os bonitos e dourados. E, se tivermos sorte, as lagostas também comparecerão.

O *Aquarama II* era aparelhado. A bordo, agilizavam-se os preparativos: máscara e snorkel eram providenciados enquanto Fidel sentava de pernas abertas. Alguém se ajoelhava à sua frente para vestir-lhe os pés de pato e as luvas. Depois de equipado, eu era o primeiro a descer pela escada, seguido por *el comandante*. Embaixo d’água, eu nadava a seu lado ou acima dele. Meu instrumento de trabalho era um fuzil de ar comprimido que lançava flechas de ponta redonda, que ricocheteavam no alvo. Elas serviam para dar “socos” na cabeça de tubarões ou barracudas e afugentar os que se aproximassem perigosamente de Fidel.

Mas eu também levava o fuzil de pesca do chefe, já que ele não aguentaria seu peso. Quando Fidel avistava uma presa e decidia usá-lo, estendia o braço em minha direção sem olhar para mim. Eu sabia o que devia fazer: colocar a arma engatilhada em sua mão. Fidel disparava o arpão e imediatamente me devolvia o fuzil. Dependendo

de se acertara ou errara o alvo, eu recarregava a arma ou voltava à superfície para depositar a caça no bote acima de nós.

Quando ele ficava cansado, voltávamos a Cayo Piedra. Ao chegarmos, o ritual era sempre o mesmo. As (inúmeras) presas de Fidel eram alinhadas no atracadouro e triadas por espécie: os pargos com os pargos, os dourados com os dourados, as lagostas com as lagostas etc. Os peixes de Dalia, que caçava em separado sob a proteção de dois mergulhadores, eram dispostos ao lado. Fidel e ela davam uma olhada no futuro banquete sob os comentários elogiosos e alegres do séquito.

— *Comandante, es una otra pesca milagrosa!* — eu dizia com a certeza de obter um sorriso do principal interessado e de todos os presentes.

Depois, quando as brasas da churrasqueira já estavam incandescentes, Fidel indicava os peixes que queria grelhar ali mesmo, e os que, magnânimo, oferecia à guarnição, bem como os peixes que levaria para Havana em caixas de gelo para consumir dentro de 48 horas. Então os Castro passavam à mesa. À sombra do restaurante flutuante.

Comparada ao modo de vida dos cubanos, essa *dolce vita* representa um privilégio absurdo. Principalmente porque depois da queda do muro de Berlim e do colapso soviético, as condições de vida em Cuba, já espartanas, pioraram muito. As subvenções de Moscou, que possibilitavam certo nível de prosperidade, cessaram. A economia cubana, que realizava cerca de 80% de seu comércio exterior com o bloco do Leste, desmoronou como um castelo de cartas. Os lares viviam momentos de penúria. O PIB diminuiu 35% e o abastecimento de eletricidade se tornou insuficiente. Em 1992, a fim de enfrentar uma queda brutal das exportações e importações, Fidel decretou o começo do “período especial em tempos de paz”, que oficializou a era das privações e deu início à do turismo internacional em massa.

*

Até a virada dos anos 1990, eu nunca tinha me questionado muito sobre o funcionamento do sistema. É o defeito dos militares... Como bom soldado, cumpria minha missão da melhor forma possível e aquilo me bastava. Além disso, os serviços que prestava eram impecáveis. Faixa preta em judô, faixa preta em caratê, faixa preta em tae kwon do, eu também era um dos melhores atiradores de elite de Cuba. Em 1992, fui campeão de tiro de precisão em Cuba, em alvos fixos ou móveis a 25 metros de distância, durante um concurso de dois dias organizado pelo Ministério do Interior. Fui inclusive agraciado com o título honorário de expert, nunca concedido a alguém antes de mim. Paralelamente, tinha me formado em direito e galgado todos os escalões da hierarquia até o posto de tenente-coronel. As responsabilidades confiadas a mim se tornavam cada vez mais importantes, como a de gerenciar o dispositivo de segurança dos deslocamentos internacionais do chefe de Estado. O próprio Fidel estava satisfeito comigo. Mais de uma vez, durante essas viagens ao exterior, ouvi-o dizer ao descer do avião: “Ah, Sánchez está aqui! Então tudo está em ordem...”. Profissionalmente, posso dizer que eu era bem-sucedido. Socialmente também, aliás: em Cuba, não existia trabalho mais prestigioso nem mais invejado que o de dedicar a vida à proteção física do líder máximo.

No entanto, foi nessa época que o edifício de minhas convicções começou a ruir. Devo lembrar que, na memória coletiva dos cubanos, o ano de 1989 corresponde menos à queda do muro de Berlim e mais ao “caso Ochoa”. Essa espécie de “caso Dreyfus do castrismo” ficará como uma mancha indelével na história da Revolução Cubana. Após um processo stalinista televisionado, ainda vivo nas nossas memórias, usaram Arnaldo Ochoa, herói da nação e general mais respeitado da ilha, para dar exemplo e o condenaram e fuzilaram por tráfico de drogas ao lado de três outros membros da mais alta hierarquia militar. Ora, pertencendo ao círculo mais íntimo do poder, eu sabia muito bem que esse tráfico, destinado a arrecadar divisas para financiar a Revolução, tinha sido organizado com o aval do coman-

dante, que portanto estava diretamente ligado ao “caso”. Para melhor se proteger, Fidel Castro não hesitara em sacrificar o mais valioso e fiel de seus generais, Arnaldo Ochoa, herói da Baía dos Porcos, da Revolução Sandinista na Nicarágua e da guerra contra a África do Sul em Angola.

Fui compreender um pouco tarde demais que Fidel utilizava as pessoas enquanto elas lhes fossem úteis, e que depois as jogava no lixo sem o menor escrúpulo.

Em 1994, decepcionado com tudo o que tinha visto, ouvido e vivido, decidi me aposentar. Nada além disso: simplesmente me aposentar com dois anos de antecedência, sair tranquilamente de cena — permanecendo fiel ao juramento que consistia em manter secretas todas as informações às quais havia tido acesso ao longo dos dezessete anos passados na intimidade do líder máximo. Por esse crime de traição — ousar renunciar ao serviço do comandante da Revolução —, jogaram-me na prisão como um cão, numa cela infestada de baratas. Fui torturado. Tentaram inclusive me eliminar. Em certo momento, pensei que desistiria. Mas sou teimoso. Durante minha prisão, de 1994 a 1996, jurei para mim mesmo que, no dia em que conseguisse fugir de Cuba (o que aconteceu em 2008, depois de dez tentativas infrutíferas), começaria a escrever um livro para contar o que sabia, o que tinha visto, o que tinha ouvido. Para falar sobre o “verdadeiro” Fidel Castro como ninguém nunca ousou fazer. A partir de dentro.